

A BORBOLETA

SATURA

Em geral são os objectos que mais frequentemente se offerecem que chamam menos a attenção; mas quem pensa, e estuda busca primeiro que tudo explicação das cousas que de mais perto o rodeiam. Em verdade, como a bolha de sabão elevada na atmosphera reflecte os objectos comprehendidos n'uma vasta linha d'horisonte, a mais insignificante cousa representa uma cadeia enorme de phenomenos. E' assim que cada palavra que empregamos, tem uma historia tão longa como a historia da humanidade, e reflecte em si ás vezes com muita clareza as evoluções ethnicas d'uma região.

Estou aqui proximo da quinta real do *Alfeite* e naturalmente, como estudo ha muito a onomatologia peninsular sob o ponto de vista da moderna glottica, quiz penetrar na significação prima d'este, isto é, na significação que elle tinha quando foi applicado ao logar.

Desde a mais alta antiguidade historica vemos que a significação dos nomes de logar attrahiu os espiritos; como em muitos a função appellativa era clara, quiz-se interpretar aquelles em que o não era; até á moderna escola fundada por Bopp, Grimm, Pott, Diez, Zeuss etc., não se avançou; faltava o *methodo*, o conhecimento das leis que regem os phenomenos linguisticos; julgava-se que bastava abrir dictionarios e pôr em connexão as primeiras palavras que se offereciam, e pareciam ter alguma analogia, embora muitas vezes remotas, e tudo estava resolvido; a forma anterior dos nomes proprios não importava; taes como se offereciam immediatamente, taes se explicavam.

Esse modo commodo de resolver as questões onomasticas persiste infelizmente entre nós até hoje, como revelam as explicações dadas pelos nossos eruditos da palavra *Citania*. A onomatologia é uma sciencia, e não uma cousa como adivinhar charadas ou logogriphos. Antes de fazer etymologias celticas, é mister estudar a grammatica comparada e a historia das linguas celticas; para explicar a mais insignificante palavra, é mister a applicação d'uma massa enorme de principios. Convidamos os nossos engenhosos archeologos a ficarem no campo que lhes é pro-

prio, sob pena de cairem nos tristes erros das escholas passadas, ou de irem primeiro estudar os principios da sciencia geral da linguagem, da grammatica particular do grupo cujas palavras se querem explicar, e, no campo onomatologico, os principios da onomatologia; é um trabalho de annos, mas sem o ter feito religiosamente não ha direito de metter fouce na ceira da glottica.

Isto é uma longa introdução para uma cousa pequena; mas como eu offereço uma *satura* aos meus estimaveis leitores, estou justificado; não tenho objecto determinado; todas as divagações me permite o titulo que adoptei.

Alfeite tem o aspecto d'uma palavra arabe—dirão logo os meus leitores. Tudo que começa por *alf* tem pela maior parte cheiro arabe; mas isto de apparencias enganam em tudo e principalmente em etymologia. Fr. João de Sousa, que determinou um certo numero d'etymologias arabes de nomes de logar portuguezes, não inclue *Alfeite* na lista. Esse nome parece offerecer-se uma só vez em nossa toponymia, o que é um pequeno inconveniente; mas vejamos:

1.º que um certo numero de nomes de logar d'origem não arabe (radical latino ou germanico) se encontram com o artigo arabe *al* prefixo, o que succedeu tambem para alguns appellativos, d'origem não arabe:

a) appellativos:

almilha por *amilha*, do lat. *amiculum*;
almendoa por *amendoa*
hesp. *almena* por *mena*, do lat. *mina*. (usado só no plural), port. *ameia*,
almorreimas por *morreimas*, alterado de lat. *haemorrhoides*;

b). nomes de logar:

Alcanede ao lado de *Canedo*,
Alcanhas » » » *Canhas*,
Alcoentre » » » *Coentral*,
Alcorrego » » » *Corgo*,
Alcoutim » » » *Couto, Coutins*, etc.
Al-faião » » » *Faia, Faiões*,
Almoster » » » *Moster*,

e poderíamos ainda continuar a lista,

Logo—estamos auctorisados a conjecturar, que em *Alfeite* tenhamos o arabe *al* e uma palavra *feite* que resta explicar, em quanto ao som *lettra por lettra*, emquanto á significação por analogos toponymicos.

2.º Comquanto a toponymia portugueza nos offerece nomes como *Bemfeita*, *Bemposta*, etc., e no primeiro d'esses dous tenhamos o adjectivo *feito*, não estamos auctorisados a considerar *feite* como alterado de *feito*, (*factus*), porque um tal adjectivo não occorre isolado e não se chamaria a um lugar simplesmente o *feito*. Vejamos se d'outro lado nos vem a desejada explicação.

Encontramos os nomes de lugar portuguezes:

Feitos, Feital, Feitosa.

E' evidente que *Feite* pertence a esse grupo, cuja origem podemos explicar.

E' sabido que um grande numero de nomes de lugar são pura e simplesmente nomes de plantas, sem elemento derivativo, sendo os nomes derivados d'esses ainda mais frequentes; eis alguns exemplos portuguezes:

Arruda, Azere (acer), Azambuja, Azevo, Cannas, Carvalho, Cebola, Espargo, Fajão, Faia, Freixo, Lodões, Labruja, Louro, Nabo, Palma, Pinho, Salsas. Teremos em *Feite* um nome de planta?

O latim tem duas formas *filix* e *filitum*, a primeira das quaes significa *feto* (planta) e a segunda, lugar onde crescem fetos; a primeira passou da terceira para a primeira declinação na forma *filica* e deu em portuguez uma forma *felga*, por uma serie de phenomenos phoneticos perfeitamente regulares, como de *pulex* se fez *pulica* e d'ahi fizemos *pulga*; *felga*, (*) como appellativo, deu origem a uma serie de nomes de lugar, taes como:

Felgar, Felqueiras, Filqueiras, aos quaes juntarei sem hesitar *Folgozo, Folgosinho*, em que a mudança do *e* em *o* é explicada por assimilação vocalica. *Filitum*, do seu lado, pela usual syncope do *l* e contracção d'ahi resultante, deu—*fecto*,

(*) Os dictionarios dão *felga* como appellativo no sentido de torrões desfeitos, copiando Agostinho Barbosa, e dizem que no Minho significa as raizes que se apanham no caminho depois de lavrada a terra: os dous sentidos não se casam; conviria saber ao certo qual o sentido da palavra, que talvez seja o mesmo que *felga* de *filica*.

forma que se podia reflectirem *feito* (como *leito* de *lectus*) ou em *feto* (como *teto* de *tecto*); como prova a onomastica e a lingua geral, as duas coexistiram, provavelmente como variantes dialectaes uma ao lado da outra, até que, no *struggle for life*, *feto* (que perdêra o sentido de colectivo) venceu e de *feito* apenas ficaram reflexos na toponymia.

Ha ainda uma particularidade que não devemos desprezar; é a mudança de *o* final em *e* que se nota em *Alfeite*. Os arabes ouvindo os nomes de lugar peninsulares da bocca da população christãa, ou os traduziam por equivalentes arabes ou se contentavam com dar-lhes simplesmente um aspecto arabe: *mosarabisavam-nos* (permitta-se a expressão); e os christãos muitas vezes repetiram esses nomes e conservaram-nos na forma em que os seus dominadores os diziam: ora na pronuncia arabe havia tendencia para mudar os *oo* finaes d'esses nomes em *e*; assim démos já os exemplos de *Alcanede*, *Alcoentre* (*); note-se *Loure* e *Soure*, etc. E' sabido que *Monchique* é *Mon-sacro* alterado pela pronuncia arabe. Emfim outros exemplos dariamos de cada um dos curiosos phenomenos onomasticos em que tocamos; mas aqui convem não exgotar a materia, o que será feito n'outra parte, e dar apenas aos nossos estimaveis leitores uma idea do que devem ser os estudos onomasticos. Cada nome proprio de lugar ou de pessoa deve ser estudado dentro do systema a que pertence.

(Continúa)

Cova da Piedade, 14 de junho de 1877.

F. ADOLPHO COELHO.

VELHO IDEAL

O' amantes antigas, descuidosas,
Como triste vos stou hoje chorando:
Vós fostes como estrellas gloriosas
Que ignota mão nos ceus foi apagando.

(*) Fr. João de Sousa deriva *Alcoentre* do arabe, mas a sua etymologia offerece difficuldades phoneticas, que a fazem pôr de lado, assim como a de *Alcanede* e outras que elle dá.

Deixastes-me prostrado e abatido
Lembrando o que sonhamos tanta vez ;
Como um velho histrião aborrecido
Chorando a sua lenda nos cafés.

Que eu ando, ó velho ideal que te partiste,
A olhar o mundo agora á luz do gaz,
Agoniado, somnolento e—triste
Como as grandes legendas de um cartaz.

BETTENCOURT RODRIGUES.



AMA-SE A VIDA

Ama-se a vida—quando a vida é noite
Toda estrellada de gentis visões,
E não deserto que se mede ás cegas
Por cerrações.

Ama-se a vida—quando a vida é um ermo
Cheio da imagem do primeiro amor,
E não charneca em que sequer não vinga
Do cardo a flor.

Ama-se a vida—quando a vida é um lago
Liso na face e rumoroso e azul,
Não mar em rolo a reverter aos silvos
Do vento sul.

Ama-se a vida—quando o vida é berço
Que amor emballa da esperança á voz,
Não leito inglorio ao declinar dos dias
N'angustia, a sós.

Ama-se a vida—quando a vida é um sonho
Longe do mundo, em virgem solidão,
Aos pés de um anjo que nos encha o vácuo
Do coração.

Eis como eu quero ver correr-me a vida :
Ninho escondido do queimor do sol,
Ilha de amor na vastidão boiando...
Tu... por pharol.

Rio de Janeiro.

TEIXEIRA DE MELLO.

DOCUMENTO HONROSO

No convívio nocturno, que em 10 de junho tivera logar na livraria do snr. dr. Martins Sarmiento em Guimarães, foi-lhe

entregue uma mensagem honrosa, em nome dos conferentes e visitantes da Citania de Briteiros no dia anterior. — Entregou-lh'a o exc.^{mo} marquez de Sousa Holstein, o mais qualificado dos conferentes por sua elevada posição social.

O nobre marquez precedeu d'algumas palavras lisongeiras a entrega do documento, de que é o seguinte o theor :

«Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. dr. Francisco Martins Sarmiento. — E'-nos de todo o ponto impossivel exprimir com sufficiente verdade o sentimento de estima, e, ao mesmo tempo, de consideração pelos dotes intellectuaes e pelas nobres qualidades de character de v. exc.^a—Se, porém, honrandonos com o seu convite, v. exc.^a attendeu á nossa dedicação ao estudo da antiguidade, ao nosso amor pelas glorias patrias, ao nosso empenho em concorrer para o progresso da sciencia, poderemos manifestar a v. exc.^a os nossos sentimentos de amizade e de respeito, declarando-lhe que no proseguimento dos nossos trabalhos litterarios, no meio das arduas tarefas scientificas a que cada um de nós haja de consagrar-se, o nome de v. exc.^a nos será sempre exemplo de incitamento.

«Possam as explorações da Citania, tão intelligentemente e com tão notavel desprendimento emprehendidas por v. exc.^a, ser chamamento ás armas, de todos os cultores da sciencia da antiguidade, e que a seu exemplo todos os homens de boa vontade se empenhem em collocar o nome da nossa patria a par do das nações que mais honrosamente figuram nos annaes da civilisação.»

«E, apertando-lhe affectuosamente a mão no momento da partida, asseguramos-lhe que, se levamos indelevel recordação de v. exc.^a, tambem nos acompanha a esperança de que a sua iniciativa abrirá um novo periodo de gloria nos fastos de Portugal.—De v. exc.^a, attentos veneradores e obrigados amigos. — Guimarães, 10 de junho de 1877.»

Assignaram esta mensagem os conferentes e representantes da imprensa, que na manhã do dia, 10, tinham permanecido em Guimarães.

Foram os seguintes snrs. : marquez de Souza Holstein, visconde da Torre das Donas, dr. Filippe Simões, dr. Pereira Caldas, dr. Assis Teixeira, Augusto Seromenho, Luciano Cordeiro, Camara Leme, Teixeira Aragão, Delgado, Gervasio Lobato pelo *Diario da Manhã*, Magalhães Lima

pela *Democracia*, Manoel Maria Rodrigues pelo *Commercio do Porto*, e Apollino Reis pelo *Commercio Portuguez*.

Se todos os conferentes e representantes da imprensa estivessem ainda no Berço da Monarchia n'essa occasião, todos concorreriam a assignar com empenho o documento alludido.—Não faltaria nenhum.

A' discussão, que teve lugar ácerca das ruínas da Citania, depois da entrega do mesmo, assistiram os cavalheiros mencionados, e além d'elles os snrs. Diniz Santiago, Ferreira Caldas, Queiroz, e Dias Freitas, director da *Borboleta*, que poucos momentos antes do anoitecer tinha chegado das Caldas de Visella, seu berço natalicio.

Y HAD BEEN HAPPY!...

Se a minha grande lei não fosse o meu descanso,
havia-de ir olhar-te, á noite, ao clarão manso
do pallido luar ;
havia de escutar a tua voz pausada,
imaginando ouvir a minha namorada,
do seu terceiro andar.

Depois, se eu fosse magro, esbelto e elegante
iria convidar-te á *walsa* doidejante...
voando nos salões !
Prezo do teu olhar, cingindo-te a cintura
havia de fazer esplendida figura
por entre as multidões !...

E quando te encontrasse ao pé do teu piano
voaria contente, alegre e mais que ufano
mil trovas recitar...
Fallaria d'amor, dos lagos, das campinas,
dos verdes salgueiraes, das pallidas boninas,
das solidões do mar...

Mas isso, era mister que eu fosse combalido,
tristonho, sonhador, sujeito bem par'cido
mas... lyrico a valer ;
porque assim rubicundo, alegre e tão sadio,
robusto, comilão, sem tosse nem fastio...
assim... não pôde ser !

Vianna.

JOSÉ CALDAS.

QUADROS DO CAMPO

III

Anda no campo em fadigosa lida,
Lavrando as terras para a sementeira,

O camponez, ao qual esta canceira,
Mais força, mais vigor lhe imprime á vida.

Geme o arado na terra endurecida,
Deixando a traz de si a fresca esteira
Do sulco, onde uma alvéola vai ligeira
Ver se descobre a presa apeteçada.

Dorme o rafeiro á sombra dos silvedos,
Onde os melros gorgeiam seus primores,
Como que mutuando alguns segredos...

E vibra alegre a voz dos seus amores,
A caminho da fonte, entre uns rochedos,
A gentil moça d'olhos tentadores...

1877.

ALFREDO CAMPOS.

CONFERENTES DA CITANIA

Tomaram parte n'este convívio archeologico os conferentes seguintes :

De Lisboa : os snrs. marquez de Sousa Holstein, Possidonio da Silva, Luciano Cordeiro, Augusto Soromenho, Teixeira d'Aragão, engenheiro Delgado.

Representavam a imprensa da mesma cidade os snrs. : Gervasio Lobato—*Diario da Manhã*, e Magalhães Lima—*Democracia*.

De Coimbra : os snrs. : dr. Filippe Simões e dr. Assim Teixeira.

Representava a imprensa d'esta cidade, o snr. Vicente Pindella—*Litteratura Occidental*,

Do Porto, representavam a imprensa os snrs. Manoel Maria Rodrigues—*Commercio do Porto*, e Apollino Reis—*Commercio Portuguez*.

De Braga : os snrs. visconde de Pindella, Director das obras publicas Thomaz Branco, deputado Jeronymo Pimentel, delegado de saude Pinheiro Torres, Pereira-Caldas, Celestino da Silva, Fernando Castiço, Antonio Brandão, Adolpho Pimentel, e Alfredo Campos.

Representava a imprensa d'esta cidade Dias Freitas—*Borboleta*.

De Vianna : os snrs. visconde da Torre das Donas, e Camara Leme.

De Penafiel : o snr. Rodrigues Ferreira.
De Guimarães : os snrs. Martins Sarmiento, deputado Vasco Leão, delegado Pestana, e Ferreira Caldas.

Representava a imprensa d'esta cidade o snr. Queiroz—*Religião e Patria*.

Foram tambem convidados, como con

fentes, e não poderam assistir ao mesmo convívio :

De Lisboa: os snrs. Pereira da Costa, Silva Leal, Carlos Ribeiro, Schiappa de Azevedo, Estacio da Veiga, Pinho Leal, Vilhena Barbosa, Teixeira de Vasconcellos, Bocage, e Aguiar, da Academia Real das Sciencias.

De Val-de-Lobos, o snr. Alexandre Herculano.

De Evora, o snr. Gabriel Pereira.

De Coimbra: os snrs. par do reino Miguel Osorio, dr. Correia Barata, e Simões de Castro.

Do Porto: os snrs. Gomes Monteiro, Eduardo Allen, Adolpho Coelho, e Joaquim de Vasconcellos.

De Vianna: o snr. José Caldas.

De Ponte do Lima: o snr. José Torres.

De Villa Real: os snrs. Camillo Castello Branco, e Azevedo Castello Branco.

Das Caldas de Visella: o snr. engenheiro Cesario.

De Guimarães: os snrs. Bento Cardoso e Antonio Cardoso.

NOTA D'UM SCEPTICO

(A' margem d'um *improviso*)

Não posso acreditar a dor sublime
Que te alancêa o peito, ó scismadora!
Se inda podes amar, o amor redime,
A sociedade é noute—o amor, aurora.

Porto.

ALFREDO CARVALHAES.

ILLUSÃO

Sou môço. Em pleno abril foi solidão minh'alma.
Nem astros no meu ceo, nem flores no jardim;
Mas eu te vi, mulher, rasgando o veu da noite,
Estrella, raio ou sol, fulgindo para mim.

E disse ao coração: alli tua esperança.
Adora-a. Finda a noite. Eis o primeiro alvor.
E' elle que illumina a senda d'esta vida,
E' ella quem te chama á luz do seu amor.

E foi! Nem era sol, nem raio; mas estrella
Que pelo espaço, a flux, vertia os raios seus,
Ai! minh'alma, infeliz e cega no desejo,
Não quiz da estrella o brilho e nem a luz dos ceos.

Que dor e que receio assim vos separava,
A ti, ó meiga estrella, e ati meu coração?
Outro será teu norte, é outro o meu destino,
Eu passei como o sonho, e tu como a illusão.

Dezembro—64.

MANOEL D'ARAUJO.

OS PASSEIOS A PE'

A utilidade dos exercicios gymnasticos é incontestavel; recommendal-os é simples trivialidade; e todavia ha entre nós grande repugnancia para estes meios de desenvolver e aperfeiçoar o organismo.

Aqui dominam uns falsos sentimentos de decencia, cheios de comico. A gravidade, o bom conceito do individuo devem, segundo os nossos costumes, ser acompanhados de quietação.

Ha a tendencia innata para o marasmo, para o paúl.

Um sujeito importante conhece-se logo pelo andar pausado e medido. Em uma pessoa sendo muito seria, muito mona, muito vagarosa, usando grandes collarinhos, uma bella cadeia de relógio, casimiras caras e botas rangentes, não ha que ver, é por força uma pessoa fina, *haute volée*: e se acaso se quizer tornar devéras interessante, só tem de queixar-se de rheumatismo, de enxaquecas, etc. Os órgãos mais exercitados nestes taes são dois, a lingua e o estomago.

Voltemos á gymnastica.

E' preciso distinguir duas especies; á primeira chamarei *Athletica*, á segunda *gymnastica natural*. Aquella comprehende os grandes saltos, os exercicios de trapezios, parallelas, barras fixas, deslocções, etc. Póde ser utilissima, mas precisa de ser ensinada com muito methodo, aliás torna-se prejudicial. Destes exercicios exaggerados, ou emprehendidos sem attenção á constituição do individuo, podem resultar serias affecções.

A segunda especie comprehende grande variedade de exercicios, tendentes todos ao aperfeiçoamento dos órgãos, mas aproveitando só os movimentos naturaes.

Os exercicios com massas e pesos, trepar pelas cordas e troncos, andar, nadar, remar, caçar, esgrimir entram n'esta classe. E' sem duvida a gymnastica mais util, mais natural e proveitosa, por ter muitas e frequentes applicações.

Um dos exercicios mais uteis a todos os respeitoes é o de caminhar a pé: os largos passeios campestres aproveitam ao corpo e á alma.

A marcha é um movimento mais complicado do que parece á primeira vista: sendo proprio do homem ainda assim precisa de aprendizagem; entram n'elle esforços e equilibrios.

Quando o corpo se desloca divide-se em duas secções distinctos; uma, a cabeça, tronco e membros superiores constituem a massa a transportar; os membros inferiores são apoios moveis que supportam o pezo superior em equilibrio, e agentes impulsores que lhê communicam a translação.

Para esta translação se realisar precisa o corpo de se inclinar, abrindo-se o angulo de inclinação proporcionalmente á velocidade da marcha. A inclinação do tronco varia de 5 grãos na marcha lenta, a mais de 22 na carreira. D'aqui resulta uma tendencia continua á queda para diante, que é combatida pela translação dos membros inferiores executada de modo tal que as cabeças femoraes continuam a servir de pontos de apoio ao tronco (*). Assim na marcha trabalham muito todos os musculos dos membros inferiores, muitos do tronco, e até os das espaduas e braços se exercem um tanto; e se acaso o caminhante levar uma pequena mala que seja e um bordãozinho, os musculos ultimamente mencionados terão exercicio tambem (*).

Claro é que na caça se consegue isto ainda melhor. Os grandes passeios a pé não são usados entre nós pelas taes razões apontadas. De ordinario, quem tem vagar para passeio anda pelas ruas da cidade dando topadas, e mirando na janelas uns rostos mais ou menos sympathicos. Mas passeiar a pé pelos campos fóra, por dias inteiros, não indo á caça... só algum excentrico ousa tal.

E comtudo nada mais innocente, mais entretido, mais recheado de episodios, mais favoravel a todos os estudos; sobretudo

(*) Le corps humain, por le dr. Le Pileur.

(*) Veja-se sobre este ponto o interessante trabalho do exc.^{mo} dr. Augusto Philippe Simões, mui distincto lente de medicina na Universidade, e um dos nossos mais serios archeologos; = Erros e preconceitos da educação physica=no cap. =Exercicios=

se o excentrico tiver a mania da geologia, da botanica, da paisagem.

Segundo os irmãos Weber, um homem de estatura ordinaria em marcha precipitada vence 9:300 metros por hora. Em marcha ordinaria vencem-se facilmente 6:000. Mas a grande vantagem está propriamente no aturar, e não na grande velocidade. O aguentar a marcha é que depende do exercicio; é preciso educar os musculos gradualmente, e chegar-se a caminhar com regularidade, sem canção, sem prejuizo algum para o corpo.

Os montanhezes são melhores caminhadores que os habitantes das planuras. São conhecidos os correios da India, os dos Andes: na Europa são celebres os guias dos Alpes. Na familia Balmat, guias do Monte Branco, houve alguns membros que se tornaram mais notaveis por chegarem a reunir a grande rapidez á extrema rigidez. Eduardo Balmat percorreu em 5 dias 109 leguas de 5 kilometros. Em 1867 um homem de Thum (Suissa) percorreu em 23 horas uma distancia de 33 leguas.

Isto porem é individual, o que pouco prova; mas ainda na Suissa, creio que em 1796, tres batalhões inteiros, em região muito montanhosa, caminharam 20 leguas em 24 horas entrando logo em fogo. Portuguezes e hispanhoes são rasoaveis caminhadores: na ultima campanha carlista fizeram-se marchas valentes. em 1845, um destacamento de infantaria 1, foi de Obidos a Porto de Moz por causa de tumultos eleitoraes, em sete horas.

Em geral, pondo de parte maravilhas, pode affirmar-se que uma pessoa regularmente constituida, com algum exercicio, consegue vencer seis leguas sem fadiga alguma.

Ora o passeio a pé, só, ou acompanhado de bons amigos, feito a capricho, ao acaso, tem incidentes, episodios incomparaveis.

Lá fóra usam-n'o muito. A. Humboldt e Poepig, os grandes exploradores da America meridional eram grandes entusiastas de caminhadas. Aquelles allemães da vasta associação gymnastica dos quatro FF (frisch, frei, fromm, froh) fazem caminhadas prodigiosas.

Os clubs alpinos têm caminhadores e trepadores assombrosos.

[Continúa].

Evora.

GABRIEL PEREIRA.

SUPPLICA

(improvisado)

A' poetisa Clorinda de Macedo

Se é morto o coração? Pois quê, minha senhora,
 Tam nova e tam gentil volver assim ao Nada
 O teu piedoso olhar onde irradia a aurora!
 Deixa-me antes a mim a noite desolada...
 Vibra as tuas canções á Luz e á Madrugada

NUNO SILVESTRE.

RESPOSTA A TEIXEIRA DE CARVALHO

Eu leio nos teus versos, meu Teixeira,
 A ventura real nos teus amores;
 Que debaixo d'um sol cheio d'ardores
 Deslisa a tua vida feiticera.

Para mim essa quadra foi ligeira:
 Passaram no meu campo os segadores
 E levaram consigo o fruto e as flores...
 —Estiolando-se a verde lorangeira.

E só mal-quero áquella formosura,
 Que fez da minha aurora a noite escura
 E de um estio um rigoroso inverno!

Attende, amigo, á tua bem amada,
 Não lhe digas em noite namorada,
 Que o teu amor é ideal e eterno!

Lamêgo, 1877.

FRANCISCO DE MENEZES.

QUADROS

VII

Escravo e senhor

Lá vae gelado, morto um pobre e novo opr'ario
 Que em vida mourejou ás ordens d'um *negreiro*;
 Vão atiral-o á valla—eterno paradeiro
 Dos corpos seminus á mingua d'um sudario!

Viveu para a familia em misero fadario,
 E tísico finou-se após um captivoiro!
 Como não era *igual* aos homens do dinheiro
 Morreu, como Jesus, erguido no Calvario!

Eu li a tua historia, ó Job dos labyrinthos,
 E' a mesma dos servis Diogenes famintos,
 Dos Tantalos fataes da nova Promissão...

Quizeste, leu bem o sei, fugir á Doença e á Morte,
 Pediste-lhe dispensa; *elle*, arrogante e forte,
 Olhou-te e... respondeu-te: *irá de vez então...*

TEIXEIRA DE CARVALHO

CARTA Á MINHA AMIGA VIRGINIA

(Continuação)

Pertendendo colorir a sua falta, dizem estas que, tomando-lhes os trabalhos domesticos todo o tempo da vida, entregam a educação dos filhos aos professores, e que estes *esquecidos dos seus deveres*, não velam as acções dos discipulos.

Baldadas e vergonhosas desculpas; erroneo e reprehensivel pensar este, Virginia.

Que mãe presadora e digna d'este titulo, poderá prender-se a pretextos que a impeçam de procurar, ainda á custa das maiores provas, tornar os entes a quem animou com o seu sangue uns dignos membros da sociedade de amanhã!

E' nocivo á natureza humana o retiral-na infancia de praticar os primeiros desvarios? E poderá suffocar-lhe os seus caprichos, quando já vigorosa e habituada a vel-os respeitar?

O que, a meu ver, damnifica, sim, a creança é o privar-a dos folguedos e exercicios convenientes á sua idade e ao seu sexo; é o exigir-lhe a sisudez da idade madura, imprimindo-lhe assim um caracter triste, acanhado e bronco; é o fazer-lhe morrer no seio, com um rigor desnecessario aos seus tenros annos, as expansões innocentes em que a sua alma transborda; mas firmar-lhe os passos na direcção da estrada que deve seguir depois, é bom á sua infancia e indispensavel á sua juventude.

E' má a epoca presente para a educação, porque a humanidade não soffre julgos?

A historia dos seculos passados offerece-nos a narrativa dos factos que bem comprovam a existencia da soberba humana, mal refreada em todos os tempos; circumstancia esta devida talvez ás opiniões das mães que, como estas de que agora fallo, erroneamente julgavam improficuo todo o seu trabalho na boa educação de seus filhos;

mas felizmente as nossas avós na sua maioria de certo que não abraçaram tão incommensuravel absurdo, e creem que a infancia era, como é e será sempre, domavel e susceptivel do bem, quando a mãe adopte um methodo proporcionado á indole da creança para lhe dirigir as acções; porque se assim não fóra a especie humana teria perecido no peso das suas misérias.

As epochas tem-se succedido sempre eguaes, o que se ha alterado são os systemas de cada uma; e se bem procurarmos a origem d'essa alteração talvez que a encontremos quasi sempre nas mães; logo aquellas a quem o systema actual lhes faz suppor má a epoca presente para a educação infantil, deverão, em logar de cruzarem os braços, eslorçar-se por restabelecer esse systema, para tornarem melhor a futura, inspirando a seus filhos uma total aversão para o mal que presenciam; e quanto mais convictas estejam de que hoje mais do nunca se respire o ar infeccionado da dissolução, mais assiduo deve ser o seu cuidado, maior a sua vigilancia, mais firme o seu velar ao lado da creança, para que esta não realice a menor imprudencia.

Quanto ás que querem tomar a escassez do tempo por motivo justificavel do seu descuido na educação de seus filhos, ao posso que leva á incredulidade o disparatado do dizer, que aliás se ouve muitas vezes, não ha vontade de lhe fazer observações.

Que a educação dos filhos torne o tempo escasso á mãe, estou d'accordo; mas que a iniba de educal-os a escacez do tempo, não posso admittir, por isso que sendo aquelle o principal e o mais elevado dos seus misteres, tambem no desempenho é preferivel a todos os outros.

Monsão.

ZULMIRA E. A. DE SÁ.

MYSTERIO

Ajoelhada aos pés do Christo agonisante, a flôr mais preciosa e meiga da Judêa, entoava, chorando, um threno soluçante, qual doce vibração de triste melopêa.

Que dor lhe opprimiria o livido semblante?... Quem dera perceber a mysteriosa idêa que lhe passou no olhar, ao grito lancinante, ao «consumatum est»—a tragica epopêa!...

Ao lado de Maria, a pobre Magdalena—
—a rosa da Bethania, a imagem da açucena—
ungia de Jesus os sacrosantos pés.

Tinha impressa no rosto a sombra da agonia que padecêra o Christo... Aquella dor seria remorso ou compaixão? Seria amor?... Talvez!

Ponte do Lima.

A. FEIJÓ.

A F. DE MENEZES

(No seu album)

Meu poeta : já não posso
erguer um debil accento
dos que em meus cantos de moço
tanta vez redisse ao vento.

Morre-me a voz na garganta...
Sinto o braço vacillar...
—Quem ha muito já não canta
desaprendeu de cantar.

*
* *

Desabrocha no prado a flor singela
e ao vir da sesta, folha a folha, cae.
Engasta a Mão de Deus no ceo a estrella,
e o romper da manhã seu brilho esvae.

A onda, que do mar se desentranha,
beija um momento a praia, e volta ao mar.
Poisa a nuvem no tôpo da montanha,
e logo o norte a dissipou no ar.

Qual flor, estrella, nuvem, onda mansa,
que mostrou-se... e passou...
assim meu estro—um sonho de creança!—
Bem cêdo se apagou!

Braga—maio de 1877.

DIAS FREITAS.

BRAGA—TYPOGRAPHIA LUSITANA—1877.